

Brasil tem poucas chances de ser a sexta maior economia do mundo

Analistas alertam que, por causa do petróleo, Rússia pode tomar a dianteira

Vagner Ricardo e Eliane Oliveira

• RIO e BRASÍLIA. O Brasil tem poucas chances de figurar entre as seis maiores economias do mundo, como pretende o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. O economista Alexandre Agostini Barbosa, da Global Invest, acha muito difícil o pulo da 15^a colocação para a 6^a e diz que é mais factível o Brasil ser deslocado do atual posto pela Rússia, uma das maiores produtoras de petróleo do mundo, a médio prazo.

— Teríamos de crescer muito e todo mundo precisaria ficar parado para que o Brasil virasse a sexta maior economia — afirmou.

Ele lembra que o crescimento médio do país, utilizando dados do Panorama Econômico Mundial, do FMI, de 2,4% no período de 1995-2003, é muito inferior à média dos demais países emergentes, de 4,8%.

O coordenador da comissão de economia da Associação dos Bancos do Rio de Janeiro, Alexandre Póvoa, disse que o país, para pensar em ser a sexta maior economia, precisa criar condições para manter o crescimento sustentado a curto prazo e, nesse sentido, enumera ações como BC independente e agências reguladoras fortes. E adotar já uma forte melhora no gasto público, com ênfase na educação, para que a mão-de-obra não seja um gargalo na marcha de crescimento.

O ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Luiz Fernando Furlan, disse que o presidente Lula, ao afirmar que o Brasil poderia se tornar a sexta, sétima ou oitava potência mundial, mostrou entusiasmo frente aos últimos resultados da economia brasileira. Para Furlan, o que Lula quis dizer era que o fato de o país não ter crescido nos últimos anos, sem acompanhar a média dos emergentes, teve como efeito a perda de um espaço importante na economia mundial:

— O presidente Lula, entusiasmado com o crescimento

deste ano, que possivelmente passará dos 4% imaginados como teto no início do ano, pensou que vamos recuperar uma parte desse terreno.

Segundo Furlan, o que se imagina no governo é que o Brasil, entrando num ciclo de crescimento sustentado, poderá ganhar posições que perdeu nos últimos seis anos.

— O Brasil andou durante vários anos usando só três marchas: primeira, segunda e terceira. Neste momento, estamos numa quarta marcha e podemos engatar uma quinta em velocidade de cruzeiro. ■